

CIMENTO

Antonio Christino P. de Lyra Sobrinho - DNPM/PE – antonio.christino@dnpm.gov.br
 Antonio José Rodrigues do Amaral –DNPM/PE - antonio.amaral@dnpm.gov.br
 José Orlando Câmara Dantas – DNPM/PE – jose.orlando@dnpm.gov.br
 Tel: (81) 4009-5477 Fax (81) 4009-5499

I – OFERTA MUNDIAL – 2007

Em 2007 a China permaneceu como maior produtora e consumidora de cimento, com uma produção da ordem de 1,3 bilhão de toneladas, que representa 50% da produção mundial. Os países que integram o “segundo pelotão” de produtores, como a Índia e os Estados Unidos, têm participação de apenas 6,1 e 3,7% respectivamente. O Brasil, que ocupa a nona posição no “ranking” mundial, e o México, são os únicos latino-americanos que se destacam entre os países produtores. Quanto às reservas, os calcários e as argilas são rochas abundantes na natureza e como tal ocorrem em praticamente todos os países. As maiores barreiras para a utilização dessas rochas na produção de cimento são a sua composição química e a distância entre as jazidas e os mercados consumidores.

Tabela I: Reserva e Produção Mundial

Discriminação Países	Reserva (t)		Produção (10 ³ t)		
	2007	%	2006 ^(r)	2007 ^(p)	%
Brasil	As reservas de calcário e de argila para cimento, etc., são abundantes em todos os países citados.		39.540	46.406	1,8
China			1.200.000	1.300.000	50,0
Índia			155.000	160.000	6,2
Estados Unidos			99.700	96.400	3,7
Japão			69.900	70.000	2,7
Rússia			54.700	59.000	2,3
Coréia do Sul			55.000	55.000	2,1
Espanha			54.000	50.000	1,9
Turquia			47.500	48.000	1,9
Itália			43.200	44.000	1,7
México			40.600	41.000	1,6
Tailândia			39.400	40.000	1,5
Indonésia			34.000	35.000	1,4
Alemanha			33.400	34.000	1,3
Irã			33.000	34.000	1,3
Egito			29.000	29.000	1,1
Arábia Saudita			27.100	28.000	1,1
França			21.000	21.000	0,8
Outros Países			473.960	409.194	15,0
TOTAL			2.550.000	2.600.000	100,0

Fontes: DNPM-DIDEM, Mineral Commodity Summaries 2008, Sindicato Nacional da Indústria de Cimento – SNIC, 2008.

Notas: (r) Revisão; (p) Dados preliminares.

II – PRODUÇÃO INTERNA

A produção interna vem experimentando contínuo crescimento desde 2004, tendo alcançado em 2007 o patamar recorde de 46,4 milhões de toneladas. E, vale registrar, com fortes evidências de que a tendência virtuosa se manterá em 2008. A explicação desse desempenho positivo está no também anômalo crescimento da indústria da construção civil, provocado pela conjunção de três fatores: as obras de infra-estrutura integrantes do Plano de Aceleração do Crescimento – PAC, do Governo Federal; o aumento da oferta de imóveis residenciais, favorecida pela queda nas taxas de juros dos financiamentos da casa própria; e também pelo aumento da oferta de imóveis industriais e comerciais. A participação percentual por região continuou praticamente inalterada, o Sudeste com 50,7%, seguido do Nordeste com 20,3%, do Sul com 14,4%, do Centro Oeste com 11,2% e do Norte com 3,4%. O Estado com maior número de fábricas é Minas Gerais (12), seguido de São Paulo (9). Dos 27 estados brasileiros em apenas cinco não existe fábrica, sendo três na região Norte (Acre, Amapá e Roraima) e dois na Centro Oeste (Rondônia e Tocantins). Em 2006, os tipos de cimento mais produzidos foram o cimento Portland CP II (67%) e o CP III (17%).

III – IMPORTAÇÃO

No triênio 2005/2007, as importações anuais de cimento corresponderam a menos de 1% da produção nacional dessa commodity. Em 2007, os principais cimentos importados foram os do tipo “Portland” comum, 52,1% do valor, e não pulverizados (“clinkers”), com 23,1%. Em 2007 a quantidade importada desse último cresceu 140% em relação ao ano anterior. Os principais países fornecedores de cimento foram o Uruguai (28%), China (25%), Venezuela (18%) e Cuba (16%).

IV – EXPORTAÇÃO

Apesar da apreciação do real frente ao dólar, observa-se que no triênio 2005-2007, a relação exportação/importação de cimento tem sido sempre superior a 4:1. Os principais itens da pauta de exportações foram os cimentos “portland” comuns (63,3% do valor exportado) e os cimentos não pulverizados, “clinkers” (32,3%). Os principais países de destino foram os Estados Unidos (31%), Nigéria (11%), Costa do Marfim (10%), Mauritânia (9%) e Paraguai (9%).

CIMENTO

V - CONSUMO

Dada a pouca expressão do comércio exterior (superávit de U\$ 58 milhões, em 2007), o consumo aparente foi praticamente idêntico à produção. Setorialmente, em 2006 o consumo de cimento foi distribuído pelo segmento de edificações 78%, 19 % pelo de infra-estrutura e 3% pelo agro-pecuário. Estimativas do mercado apontam que o consumo per capita no Brasil está próximo de 250 kg/ano, enquanto a média mundial encontra-se em torno de 400 kg/ano.

Tabela II: Principais Estatísticas – Brasil

Discriminação		2005 ^(r)	2006 ^(r)	2007 ^(p)
Produção	(t)	36.673.470	39.539.602	46.406.359
Importação	(t)	323.494	226.329	426.368
	(10 ³ U\$-FOB)	20.665	18.460	27.007
Exportação	(t)	1.320.408	1.475.163	1.849.966
	(10 ³ U\$-FOB)	42.847	51.883	85.797
Consumo Aparente ¹	(t)	35.676.556	38.290.768	44.982.761
Preço médio ²	(US\$ FOB/t)	63,88 / 32,45	81,56 / 35,17	63,34 / 46,38

Fontes: DNPM-DIDEM, MDIC, SNIC, Mineral Commodity Summaries 2006.

Notas: (1) Produção + Importação- Exportação; (2) Preço médio: comércio exterior base importação/ exportação; (r) Revisado; (p) Dados preliminares.

VI - PROJETOS EM ANDAMENTO E/OU PREVISTOS

O Grupo Votorantim, que gera 40 % da produção nacional, planeja investir R\$1,66 bilhão no triênio 2008-2010, para a implantação e ampliação de fábricas integradas, e de unidades de moagem, em dez Estados. Mesmo com a participação física em países como Estados Unidos e Canadá, nos quais adquiriu fábricas de cimento e de concreto, o Grupo prevê para 2008 a exportação de dois milhões de toneladas, o triplo em relação a 2006. O Grupo Tupy tem projeto de implantar uma fábrica em Mossoró/RN, com investimentos de R\$ 200 milhões, visando os mercados interno e externo. O Grupo João Santos prossegue com a implantação da fábrica da Itaguarana S/A, em Ituaçu/BA que deve entrar em funcionamento no final de 2009; vem dando prosseguimento à implantação de fábrica em Ribeiro Grande/SP e estuda projeto para a região de Juazeiro/BA. A Holcim tem planos de investir cerca de R\$ 2 bilhões até 2011 para ampliar a produção e para entrar no mercado de prestação de serviços de soluções de engenharia, com um sistema de aplicação de “microcimento”. A Camargo Corrêa Cimentos S/A adquiriu o controle acionário da Cimento Brasil S/A, moagem instalada no porto de Suape/PE.

VII - OUTROS FATORES RELEVANTES

O parque produtor nacional está trabalhando próximo a 100% da sua capacidade de produção, 60 milhões tpa. De acordo com o SNIC, todas as grandes empresas estão otimizando a produção, seja reativando fornos e/ou fábricas, seja redirecionando parte das exportações para o mercado interno ou ainda revisando a logística. O crescimento da demanda, com conseqüentes reajustes de preços, pode atrair e/ou viabilizar a entrada no mercado de pequenos grupos industriais de expressão local, o que já está gerando a imposição de barreiras pelos grupos maiores. Desde os anos 90 que as cimenteiras vêm utilizando o co-processamento, que consiste na substituição de combustíveis não renováveis e de matérias-primas, pelo reaproveitamento energético ou incorporação de resíduos industriais à massa do produto. O co-processamento já atinge cerca de 800 mil tpa de resíduos, podendo chegar a 1,5 milhão. Indústrias como a automobilística, da construção e do aço, principais geradoras desses resíduos, pagam aos fabricantes de cimento para reaproveitar esse material, considerado como passivo ambiental. De acordo com a ABCP, 32 das 58 fábricas do país estão licenciadas para co-processar esses resíduos. Continua forte a tendência de integração para trás da produção de cimento com a de concreto e argamassa fato que, segundo os produtores não integrados, vem reduzindo a sua competitividade e causando o seu estrangulamento.